

# ANÁLISE DOS RECURSOS COESIVOS EMPREGADOS NA CRÔNICA MIMIRO, DE RACHEL DE QUEIROZ

Guilherme Henrique Ribeiro Cavalcante de Oliveira (UFRN)

[guilherme\\_henrique\\_95@hotmail.com](mailto:guilherme_henrique_95@hotmail.com)

Igor Dessoles Braga (UFRN)

[igordessoles@hotmail.com](mailto:igordessoles@hotmail.com)

## 1. Princípios norteadores: Rachel de Queiroz e o gênero crônica

Rachel de Queiroz, uma das maiores escritoras do Brasil, imortalizada na Academia Brasileira de Letras, utilizou, ao longo de mais de 75 anos de produção, o ato de escrever como arma. Sua literatura era permeada por memórias, invenções e uma técnica envolvente. Trouxe para os seus textos personagens do seu convívio e do imaginário coletivo sertanejo e nacional: vaqueiros, moleques, retirantes, velhos sábios, moças sonhadoras. Cearense, apaixonada pelo Nordeste brasileiro, cravada no Sertão, era a encarnação da resistência da Caatinga. Escreveu seu primeiro livro no calor dos dezoito anos. "O quinze", romance lançado em 1930, tornou-se rapidamente um clássico. Sua produção literária iniciou-se a partir daí. O marco primeiro foi o romance antes citado, mas foi nas páginas de jornais e revistas vários que Rachel se afirmou, estabeleceu-se, defendeu o gênero crônica com maestria.

O surgimento desse gênero, no Brasil, está ligado à busca por uma afirmação da literatura nacional. Tentava-se, inicialmente, montar a literatura brasileira como um sistema, tendo como objetivo formar um conjunto de obras com características em comum e que formariam uma tradição literária. O gênero, considerado tipicamente brasileiro, dominou a partir daí os jornais e revistas, foi aprimorando-se, ganhando características cada vez mais literárias. Atualmente, para a sobrevivência da crônica não é mais necessária a disputa por espaço com as notícias, apesar de continuar sendo veiculada em jornais e revistas a crônica passou a integrar, também, coletâneas o que possibilita ao interlocutor a leitura mais atenta desse tipo de texto e mais exclusiva de autores de sua preferência.

Rachel de Queiroz, que em vida publicou apenas seis romances, redigiu inúmeras crônicas para vários veículos; "Mimiro" que é a estudada neste artigo foi publicada na revista "O Cruzeiro", em 1946. Busca-se, então, mapear nesse texto os recursos coesivos utilizados pela autora na tessitura textual e os efeitos de sentidos que são alcançados a partir das várias estratégias de manutenção da coesão.

## 2. Princípios norteadores: A coesão e os sentidos do texto

Estudar coesão em um texto literário é um desafio que motiva este trabalho, pois é a partir da identificação dos encadeamentos e das suas consequências semânticas que os sentidos se estabelecem e ganham largas dimensões. Como aponta Antunes (2005), o entendimento que se consegue estabelecer do que o outro diz resulta de uma relação múltipla que se institui em cada segmento e nos níveis vários do texto. Ou seja, preservar a continuidade textual é uma estratégia eficaz para a manutenção dos significados do próprio texto e das suas peculiares intenções comunicativas. É importante ressaltar que, ao desenvolver este tema, aprofundam-se as discussões em torno de mecanismos linguísticos fundamentais: os dispositivos coesivos. Além disso,

estreitam-se as relações com o texto de Rachel de Queiroz, evidenciando o seu inegável sucesso enquanto produtora de crônicas.

Tratar de coesão e de suas respectivas cadeias na análise de textos implica em levantar questões não apenas acerca dos elementos superficiais do texto, mas também daqueles que são subjacentes a essa parte superficial. É identificar no nível semântico os encadeamentos mais sutis e que são fundamentais para a escritura, para o desenvolvimento e para o entendimento do texto. Nesse sentido, Antunes (2005, p. 47) define coesão "como sendo essa propriedade pela qual se cria e se sinaliza toda espécie de ligação de laço, que dá ao texto unidade de sentido ou unidade temática". A coesão vai possibilitar um texto amarrado, sem partes soltas, todas essas encadeadas: o que é posto no texto liga-se em algum ponto a outra parte citada anteriormente ou posteriormente. Koch (2012, p. 45) aponta a coesão como o "fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido". Então, a partir dessas duas vozes consonantes, pode-se assegurar que coesão é a denominação dada a todos os instrumentos de sequência que possibilitam uma verdadeira amarração linguística entre os elementos presentes no corpo do texto.

### **3. Aporte teórico**

Na sequência, é importante conhecer os mecanismos coesivos ou seja, a teia de relações de natureza semântica que se estabelecem no texto. Segundo Antunes (2005, p. 52) essas relações "diferem quanto ao tipo de nexos que promovem e são de três tipos: por reiteração, por associação e por conexão". Observa-se que essas relações conservam a ideia de amarração e são fundamentais para a criação de sentidos na medida em que encadeiam o texto.

A primeira relação a ser esclarecida é a de reiteração. Essa é importante para a progressão do texto por ser caracterizada pela retomada de outras partes dele. Percebe-se então que o desenvolvimento de ideias depende do que foi posto antes; Antunes (2005, p. 53) constata que "cada elemento vai dando acesso a outros. Na verdade, cada segmento do texto está sempre ligado a outro, para trás e para frente". Essa relação estabelece-se através de dois procedimentos: a repetição e a substituição. O primeiro utiliza-se de três recursos coesivos: paráfrase, paralelismo e repetição propriamente dita. O segundo divide-se também em três recursos: substituição gramatical, substituição lexical e elipse.

Em seguida, a relação de associação é criada a partir da ligação de sentidos entre palavras de um mesmo campo semântico, visto que sempre há alguma ligação entre palavras que têm um campo semântico em comum. Essa relação realiza-se por um procedimento, a seleção lexical que tem como a recurso coesivo a seleção de palavras semanticamente próximas. Antunes (2005, p. 54) considera que essa relação ocorre, principalmente, porque "todo texto é necessariamente marcado por uma unidade temática, isto é, pela concentração em um único tema, embora desenvolvido, às vezes, em subtemas diversos".

Por último, elenca-se a relação de conexão que acontece, preferencialmente, entre orações, mas pode ocorrer, segundo Antunes (2005), também entre períodos, parágrafos ou blocos supraparágraficos. Utilizam-se diferentes conectores que podem ser advérbios e suas locuções, conjunções e preposições, todos esses responsáveis por estabelecer, no texto, diversas relações, como a de oposição e de adição, por exemplo.

Além desses apontamentos, deve-se considerar os estudos de Koch (2012) que desenvolvem duas modalidades de coesão: a remissão e a sequenciação. De acordo com a mesma autora, a remissão, utiliza-se da reativação de referentes através de referências anafóricas e catafóricas. A remissão ainda pode concretizar-se através da "sinalização textual", que deve oferecer ao interlocutor instrumentos facilitadores do processamento textual.

A sequenciação possibilita ao texto avançar, assegurando o encadeamento e o desenvolvimento dos sentidos. A coesão sequenciadora, segundo Koch (2012 p. 52), "pode ocorrer de forma direta, sem retornos ou recorrências; ou podem ocorrer na progressão do texto recorrências das mais diversas ordens".

Ainda deve-se levar em conta as teorizações de Maingueneau (2013) acerca de coesão que, em concordância com as autoras assinaladas anteriormente, reafirma a importância dos "fenômenos de retomada" como fundamentais para a ligação das várias partes do texto e para a progressão dele. O autor apresenta, então, os fenômenos de anáfora, catáfora e endófora. O primeiro diferencia-se por o termo que retoma seguir o retomado; o segundo é o inverso: o termo que retoma antecede aquele retomado; sobre o terceiro Maingueneau (2013, p. 196) afirma que "para evitar dar à 'anáfora' dois sentidos diferentes, agrupam-se anáfora e catáfora sob a noção de endófora". Vale frisar que o fenômeno de anáfora estabelece uma concordância em número e grau entre pronomes e termo antecedente, já a catáfora vale-se de pronomes invariáveis neutros; sendo, por último, a endófora, em concordância com Maingueneau (2013), uma relação assimétrica capaz de ligar no texto elementos encontrados em um mesmo plano.

#### **4. Metodologia**

Para amparar, em perspectiva teórica, a abordagem realizada, recorre-se, fundamentalmente, às perspectivas de Koch (2012), Antunes (2005) e Maingueneau (2013) a respeito de análise textual. Com base nesses três autores, pode-se construir o embasamento teórico para a discussão e obter as ferramentas necessárias para a análise.

O estudo consiste na observação da distribuição de recursos coesivos na crônica Mimito, de Rachel de Queiroz, e, conseqüentemente, dos encadeamentos de sentidos decorrentes da sua disposição, que como Antunes (2005) esclarece, os motivos pelos quais se escolhem palavras em um texto é "de ordem sociocognitiva, está presa aos sentidos e aos propósitos que partilhamos em cada situação de interação" e "escolhemos as palavras conforme nos pareçam adequadas para expressarem o que queremos dizer e fazer com elas".

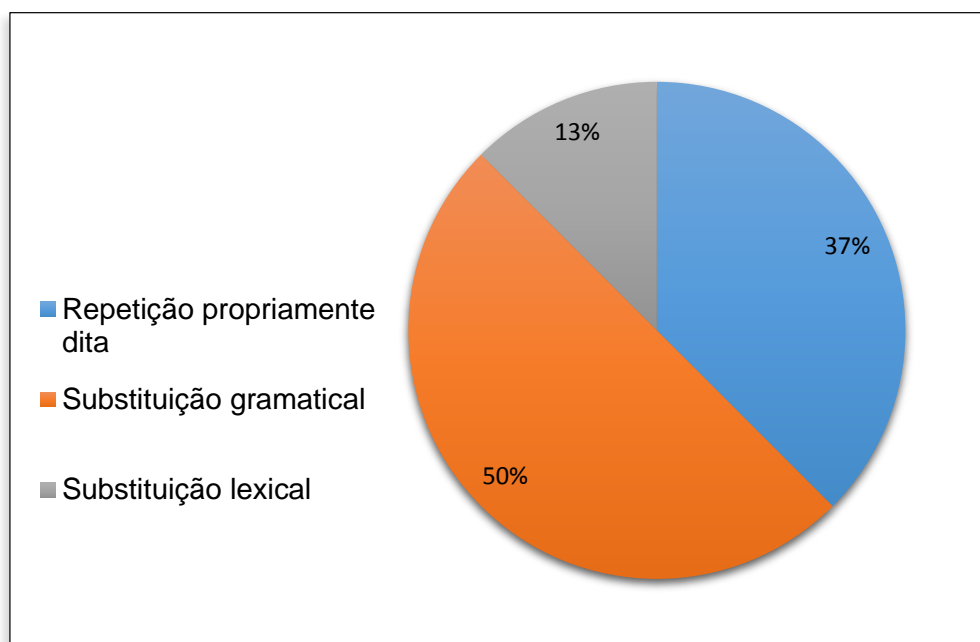
De acordo com leituras prévias do conto, enumeraram-se os pontos principais a serem analisados, buscando destacar as melhores formas de alimentar a discussão. Decidiu-se que, dos procedimentos coesivos propostos por Antunes (2005), reiteração, associação e conexão, analisar-se-iam os dois primeiros. Os recursos coesivos de reiteração escolhidos foram a repetição propriamente dita, a substituição lexical e a substituição gramatical e os de associação, foram a seleção de palavras semanticamente próximas. A proposta de análise se adequou às necessidades, de acordo com que elas apareciam, assim, dispensou-se a contagem de elementos elípticos e de recursos que visam à conexão entre as partes do texto.

Com base nos estudos de Koch (2012) relativos à remissão e sequenciação, decidiu-se que a análise dos dados teria como foco, principalmente, o personagem Mimito, protagonista e título da crônica, uma vez que o encadeamento de sentidos gira

em torno dele. Aprioristicamente, contou-se quantas vezes o nome apareceu ao longo da narrativa. Em seguida, procurou-se compreender os elementos de substituição responsáveis por retomá-lo e, também, os campos semânticos que o envolviam. Algumas observações acerca da família e do contexto social, econômico e cultural, também foram necessárias para a construção da análise.

## 5. Análise do *corpus* e discussão

A análise da crônica pode ser verificada no ANEXO “A”. Nela, o nome Mimito é repetido de forma incessante, especificamente 18 vezes. Percebe-se assim, uma necessidade de manter a progressão do conto voltada para o protagonista, utilizando-se da repetição propriamente dita. Essa, chega a disputar espaço e ocorrências no texto com as substituições, lexical e gramatical, como é perceptível no gráfico abaixo:



**Figura 1 – Recursos que visam a reiteração do substantivo “Mimito”**

As substituições, embora constituam a maior parte dos recursos utilizados, em contrapartida às repetições, perdem um pouco do seu espaço nessa crônica, em meio às repetições do substantivo.

A grande função dos pronomes, segundo Antunes (2005) é a de "funcionar como elementos de substituição, como elementos que asseguram a cadeira referencial do texto". Assim, consegue-se progredir no decorrer do enredo sem se utilizar das mesmas palavras. A substituição gramatical foi utilizada 24 vezes para manter a continuidade do campo semântico de Mimito. Quanto à lexical, 6 palavras foram utilizadas. A partir daí, questiona-se o motivo dessas repetições, uma vez que, como Antunes (2005) mostra, essas unidades são responsáveis pela formação de sentido, o que nos leva a depreender que essa conjuntura é intencional.

O narrador expõe, em determinado momento, que praticamente não há uma motivação para os pais o chamarem e que talvez só o façam por amor da arte ou do nome. Também explica que Mimito não parece existir, exceto pela invocação que fazem de seu nome. Essa parece ser a resposta da questão levantada, apesar de não sê-la por

completo. As atribuições semânticas decorrentes dos recursos não são limitadas por um ou outro aspecto, mas pelo todo. A construção parecer ir além, como se os objetivos dessa repetição estivessem remontados no próprio contexto sociocultural em que os personagens estão inseridos. Assim, recorre-se a outro procedimento coesivo: a associação de palavras, que delimita os campos semânticos nos quais o personagem está envolvido. Percebe-se no gráfico a seguir:



**Figura 2 – Seleção de palavras semanticamente próximas**

O campo semântico de Mimiro engloba palavras como Casimiro, presença imaterial, moleque dos diabos, fala sonsa e rouca, olhar baixo, enjeitado, garoto, moreninho tostado, perna fina.

“Enjeitado” e “olhar baixo” parecem estar correlacionados, como se o garoto possuísse uma tristeza/reclusão por decorrência da rejeição, mas como o texto não fornece marca alguma para essa interpretação, essa associação não é levada em conta. Já alguns desses elementos são fundamentais para a relação com os sentidos do texto. O nome Casimiro, por exemplo, aparece como o seu verdadeiro nome e raramente é utilizado. Seu apelido, Mimiro, aparece com mais frequência em seu cotidiano, seja pela facilidade da pronúncia ou pelos contextos informais em que é pronunciado. A simples constatação de que a repetição propriamente dita é utilizada diversas vezes para dar enfoque a um apelido, leva o leitor a formular hipóteses sobre as escolhas lexicais, estimulando-o à reflexão e, por decorrência, à interpretação dessas marcas.

O contexto socioeconômico e cultural da época também é percebido através de marcas no texto. É interessante notar que, ao longo da crônica, cria-se uma comparação implícita entre pessoas e animais. Ao afirmar que uma das mulheres de Carlindo deixou o filho de oito meses sentado no terreiro, aos berros, entre os pintos e a ninhada de cachorros novos, cria-se uma associação entre a criança e os animais, pois passam a englobar, contextualmente, o mesmo campo semântico. Essa ideia também é desenvolvida em outros momentos, como no instante em que Mimiro pergunta aos amigos “Se a gente come de sal, porque a cabra refuga?”

Outros fatores percebidos são a pobreza e a educação de má qualidade. No ANEXO “A”, sexto parágrafo, em que o protagonista é descrito, vê-se a utilização de marcas que o inserem em um cenário de pobreza: a perna fina, os pés descalços, as

roupas velhas, as feridas na cabeça, o “quase da idade dêle próprio” mostram que esse descaso com direitos básicos à vida, como saúde, higiene e alimentação, existe praticamente desde o início da sua existência.

Um campo semântico secundário pode ser enumerado, o relativo à sua família. Alguns termos remetentes a ele são: esquisita, numerosíssima, pai e mãe, Carlindo. Todos, de certa forma, relacionados ao campo principal, de Mimiro.

## **6. Considerações finais**

Segundo pôde-se perceber ao longo do trabalho, e como Antunes (2005) mostra, a coesão tem uma função dupla: a de promover e sinalizar as articulações de segmentos, de modo a possibilitar a sua continuidade e a sua unidade. O trabalho, então, visa demonstrar a aplicação das ferramentas que visam essa continuidade, isto é, as marcas textuais que contribuem para a formação de sentido.

Demonstram-se visões simplificadas sobre a coesão, suas relações textuais e sua relação teórico-prática, tornando a análise suscetível a ser reproduzida, com outro *corpus* e diferentes enfoques. Dessa forma, o trabalho também pode ser facilmente concebido como uma revisão teórica do tema para futuras análises a serem desenvolvidas.

Além disso, fornece uma contextualização, mesmo que sucinta, acerca do gênero crônica e da obra de Rachel de Queiroz. A combinação dos elementos citados anteriormente fornece uma visão diferenciada acerca dos escritos da autora, através da linguística textual.

Com base nas elucidações topificadas anteriormente, conclui-se que na crônica "Mimiro", as ferramentas coesivas da repetição e da substituição são imprescindíveis para o entendimento da disposição dos elementos lexicais escolhidos pela autora e nos leva a apreender a criação de um campo semântico singular em torno da protagonista.

Essa disposição também fundamenta a ambientação do leitor em um cenário de miséria presente ao longo de todo o texto, seja quando, ironicamente, iguala as personagens humanas a animais, seja quando, através da sua escrita, denuncia as condições precárias comuns às periferias das cidades da época.

## **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, Irandé. Lutar com palavras: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

KOCH, Ingedore. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, Ingedore. A coesão textual. São Paulo: Contexto, 2012;

MAINGUENEAU, Dominique. Análise dos textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2008.



## **ANEXO A – Repetição propriamente dita e substituições lexical e gramatical do protagonista e de suas relações no conto “Mimiro”, de Rachel de Queiroz**

Repetição propriamente dita: **negrito**

Substituição lexical: *itálico*

Substituição gramatical: *itálico sublinhado*.

### **Mimiro**

SE nome se gastasse, de tanto uso, o nome do **Mimiro** já devia estar no último fio. Porque a tôda hora, da madrugada às dez da noite, é menino, mulher e homem chamando por *êle*: “**Mimiro**, ô **Mimiiiiroooô**”!

E **Mimiro** longe. Parece que goza de uma umiquidão às avessas, isto é, tem o dom de não estar em parte alguma, em hora nenhuma.

A família do *garôto* é esquisita e numerosíssima. Formou-*se* não por via regular de casamento e nascimentos, mas por aglutinação. Os *dois indivíduos* que *lhe* constituem o núcleo, e são tènicamente o pai e a mãe, chegaram ao atual estágio através de um longo processo de uniões e separações com outros indivíduos que já desapareceram da história. Junta com esta companheira, larga, fica com os filhos, junta outra vez, larga outra vez, mais filhos, e assim por diante. Por fim, - sobejos dêsses amôres curtos mas geradores, - temos um pai com filhos de várias mães, uma mãe com filhos de vários pais, que vieram abrigar num só lar (“Lar de Pequenina”, como diz o letreiro à porta), aquela prole tão heterogênea na origem, quanto na côr e no temperamento.

Dito assim parece confuso. Mas é o seguinte. O nosso amigo Carlindo, de profissão mata-mosquitos, passou por várias experiências sentimentais. Dêsses amôres houve prole. Homem sem sorte, mas obstinado e pai amoroso, foi ficando com os filhos à medida que as amadas se dispersavam. A primeira morreu, a segunda fugiu, a terceira não fugiu mas saiu de casa abertamente, na hora do almôço, por desafôro. Deixou sentado no terreiro, aos berros, entre os pintos e a ninhada de cachorros novos, o filhinho de oito meses.

A quarta experiência de Carlindo foi Dona Pequenina, mulher também de vasto tirocínio e vida acidentada. Essa não usou, no seu caso, a ordem rigorosa dos amôres do companheiro. Amou um pouco ao acaso, e seria mais por acidente que por carinho materno que ia ficando com os frutos dessas uniões rápidas. Em geral, quando nascia a criança, há muito que a mãe mudara de idéia e de cavalheiro. Quando afinal, cansada de

tanta incerteza e disposta a arribar em pôrto mais tranqüilo, aceitou a mão e o nome do mata-mosquitos e deixou que êle, no primeiro entusiasmo, escrevesse “Lar de Pequenina” no frontão da casa, trazia consigo uma récua de criança, de variadíssima pigmentação. Menino escuro de cabelo liso, uma cabrocha clara, de ôlho verde e de cabelo duro, criança loura, criança de tôda espécie. E entre êsses saiu **Mimiro**. Há de ter sido a geração de **Mimiro** um dos piores lapsos sentimentais de D. Pequenina, porque o *garôto* em casa é assim uma espécie de enjeitado. O padrasto, então, já nem é só padrasto para êle é madrasta, e das péssimas.

**Mimiro** chama-se na realidade *Casimiro*; tem trese anos e aparenta nove; é moreninho tostado, de fala sonsa e rouca, a perna fina, o olhar baixo, de viés. Nunca foi à escola. Diz que não adianta ir, porque é canhoto. Jamais ninguém lhe viu no pé um tamanco, ao menos, nem no corpo uma roupa nova. Usa sempre na cabeça uma carapuça de choché escondendo o crânio coberto de feridinhas teimosas, quase da idade dêle próprio.

Mal amanhece o dia já estão gritando com êle. Para dar capim a cabrita. Para subir no morro e ver se o porco fugiu do chiqueiro. Para apartar os meninos menores, que estão brigando. Para deixar as crianças em paz. Para dar uma carreira na venda. E de vez em quando o padrasto muge,feroz:

-**Mimiro**, *moleque dos diabos*, dou-te uma surra!

Se conseguem resultado nos chamados, ninguém sabe. Talvez o chamem só por amor da arte, ou por amor do nome. Porque a resposta de **Mimiro** não se ouve nunca. Êle dá a impressão de ser como uma presença imaterial, que existe apenas graças às invocações dos outros. E presença bem maligna, ao que parece. Dia em que está nos seus azeites leva a cabrita a pastar na praia do Cocotá onde não nasce nem herva de rebenta-cavalo. Como é que havia de nascer pasto nas pedras do cais? Amarra a desgraçada no pé de oiti da arborização da Prefeitura, ensinando-a assim a roer casca de pau, que até parece bode cearense, em tempo de sêca. Na hora de beber, **Mimiro** puxa a cabrita pela corda até o mar e empurra-lhe à fôrça o focinho na água salgada. E como o animal recusa, naturalmente, êle explica aos moleques companheiros que a Mimosa há de estar doente, ou então é luxo. Se a gente come de sal, porque a cabra refuga?

Quando está desfalcado de dinheiro, ou com ódio especial do padrasto, assalta os ninhos das galinhas chocas e vai vender “ovos fresquinhos de quintal” aos veranistas da Freguesia ou da Praia da Bandeira. É comércio rendoso, apenas com o defeito de não lhe permitir mercar o produto duas vêzes na mesma rua. Só passa em cada uma uma vez. Sim, porque já tem vendido ovos que estão com quinze dias debaixo da galinha. Depois, quando “seu” Carlindo faz alarido que os lagartos estão lhe comendo os ovos da sua criação de galos de briga, é **Mimiro** que organiza as caçadas aos lagartos e gambás.

Não briga de agarrado com nenhum outro garôto; sabe-se magro, esmirrado, e as feridas da cabeça são ponto muito vulnerável a qualquer pancada. Quando se sente ofendido ou de ânimo por demais belicoso, chega junto do adversário escolhido, diz na sua fala



rouca o pior palavrão que sabe (e consta que os sabe raríssimos), e sai correndo para longe. Serve-se então da sua arma de arremêso, põe um projétil no bodoque e não perde um tiro. A gravidade das intenções de **Mimiro** se traduz pela natureza do projétil, que vai desde caroço de milho até pedra de ponta.

Fêz inimizade com um seu vizinho distante. A guerra começou por causa de um nome feio que êle disse à senhora dêsse homem e prolongou-se depois por amor de um frango carijó. Segundo vários testemunhos, **Mimiro** liquidou a pedrada a triste ave, esquartejou-a com o canivete, dando depois os pedaços a cada um dos cachorros das redondezas.

O homem é grande, feio, malcriado. **Mimiro** entretanto zomba dêle. Depois do caso do frango e de vários outros casos menores de hostilidade estava **Mimiro** um dia na Praia do Barão, de cócoras, absorto, capando as pinças de um siri enorme, quando veio por trás o seu inimigo e lhe cortou as costas com umas cinco cipoadas de goiabeira. O *pequeno* deu um berro curto, largou o siri e foi se esconder no mato, ali perto. O homem ainda blasonou:

- Não disse que um dia ainda te apanhava, *malandro*?

Mas **Mimiro** parece que jurou vingança - e vingança tirou. Certa noite vinha o homem descendo a rua que é mal iluminada e tem dos lados uma vala de mais de metro de fundo, pois o esgôto ainda não chegou lá. Vinha descuidado, assobiando a cantiga que saía dum rádio, numa casa próxima. De repente soltou um grito, agarrou a coxa com as duas mãos e o sangue escorreu na perna da calça clara. Um casal que estava namorando junto do poste correu para acudir. Abriram-se portas com o barulho, foi saindo gente das casas e em breve se formou ajuntamento. O homem não parava de gemer: - Fui baleado, fui baleado! Até sinto a bala aqui dentro, ardendo como fogo!

Chamaram a Assistência e a ambulância levou o ferido. Mas quando o doutor foi extrair a bala, só achou, bem enterrado na carne, um pedaço de vidro de ponta, um caco de garrafa afiado como um dardo.

Também ninguém tinha visto, na hora do “tiro”, a carapuça vermelha de **Mimiro** emergindo da borda da vala, nem se ouviram os seus passos furtivos enquanto se esgueirava para longe, sem sair da sua trincheira, e com o bodoque na mão.